

PT e PSDB: eles se merecem

A atitude tucana emite um sinal tétrico de que evidências de corrupção podem ser toleradas

EUGÊNIO BUCCI

02/11/2015 - 10h03 - Atualizado 02/11/2015 10h55

Comp. (133)

Pinar (0)

Comp. (0)

Comp.

Tuítar

Assine já!

A suavidade dos tucanos em relação às denúncias que cercam o presidente da Câmara, Eduardo Cunha (PMDB-RJ), deprime o cenário nacional. Chega a ser inacreditável. Paladino da moral, o PSDB não assumiu a linha de frente das investigações, não exigiu esclarecimentos públicos, não questionou o parlamentar com firmeza. Quando muito, assentiu, quase a contragosto, que há algo a ser explicado. Não que o partido tenha se postado em cima do muro, como é de sua tradição. Desta vez, o PSDB se enfiou de corpo inteiro dentro do muro, como se lá dentro, entre o reboco e os tijolos mal assentados, encontrasse uma saída para o Brasil.

A atitude tucana – ou a não atitude tucana – complica ainda mais a crise. Emite um sinal tétrico de que tamanhas evidências de corrupção podem ser toleradas, desde que o implicado ajude a derrubar Dilma. Quer dizer: corrupção nociva é a corrupção do PT. Corrupção que não seja do PT pode até ajudar.

Nos tempos mais funestos da ditadura militar, as autoridades empinavam o queixo para amaldiçoar os “inocentes úteis”. Diziam que os jovens engajados nas passeatas e nas organizações de esquerda não tinham a menor noção dos males do comunismo e eram ingênuos, tolos, “inocentes úteis”. Agora, a doutrina tucana inventou esta figura estranhíssima: “suspeito útil”. Que desastre.

O “raciocínio ético” dos tucanos é simplesmente um engano tático. Como querem o impeachment da presidente da República e acreditam nas promessas feitas por Eduardo Cunha de acelerar o processo, julgam que o resto é um “mal menor”. Eduardo Cunha pode ser mau, eles bem sabem, mas está do lado bom. Existem indícios escandalosos de que tem milhões em contas no exterior, contas que ele sempre negou? Ora, isso não é o principal. A voz velada do PSDB, a boca pequena, pondera: “Deixa para lá. Depois a gente vê melhor essa história. O importante, agora, é que ele está do nosso lado”.

Eis que surge, então, uma nova corrente política no Brasil: a cunholatria. Os cunholatras são contra o PT, é indiscutível. Fora isso, pense bem, com que autoridade podem condenar o PT? Em que se diferenciam? Os petistas até admitem que as pedaladas, por exemplo, são um procedimento controverso, mas alegam que foi graças a elas que o governo federal amealhou alguns dos bilhões do

Bolsa Família. Quer dizer: os fins (o “combate à pobreza”) justificam os meios (os pedais do Orçamento). Do outro lado, os tucanos não dizem nada abertamente (como é de seu estilo), mas deixam muito claro que os possíveis malfeitos de Eduardo Cunha podem esperar; o que conta é correr com a tramitação do impeachment. Quer dizer: os fins (derrubar Dilma Rousseff de uma vez por todas) justificam os meios (fazer vista grossa aos documentos que provam a existência de contas milionárias não declaradas no exterior).

Não vá dizer que a diferença entre uns e outros é uma questão de cifras. Não vá dizer que uns roubaram mais, outros roubaram menos. Por favor: a diferença que conta não é a que está nos números, mas nos princípios e, nos princípios, será que uns são mesmo tão diferentes dos outros?

Se levarmos em conta o tal “raciocínio ético”, vamos constatar que as semelhanças não são poucas. PT e PSDB ficam tão parecidos que se merecem. As duas legendas estão a tal ponto espelhadas uma na outra que parecem desejar trocar de lugar entre si. Que os tucanos queiram tomar o poder, é o óbvio. Todo partido político deseja o poder. O dado surpreendente vem dos petistas. Pelo modo como têm se comportado, parece que já não desejam tomar o poder: agora eles querem mesmo é tomar a oposição. Querem tomar o lugar do PSDB. Com faixas nas ruas, pedem a cabeça de Joaquim Levy e combatem a política econômica do governo. Estão ensaiando para o pós-impeachment. Imaginam que, com a queda de Dilma, vão poder dizer “Eu avisei!” e despejar toda a culpa em Joaquim Levy. Mal podem esperar para virar oposição de uma vez. Aí, em 2018, com Lula fazendo cara de vítima, de perseguido pelas elites da Lava Jato, esperam retornar ao poder nos braços do povo.

Delírio? Pelo sim pelo não, Lula talvez seja um dos maiores interessados no impeachment. O PSDB nem desconfia, claro. A vista tucana só alcança até onde dura o mandato de Eduardo Cunha. Se derrubar Dilma é seu fim, Cunha é seu meio. Se o meio tem pernas curtas, é o de menos. O “raciocínio ético” dos tucanos acha que vai dar pedal. Os petistas enxergam mais longe. Esta talvez seja a maior diferença entre um lado e outro, mas não é uma diferença de princípio.